Universidade do Estado de Mato Grosso
Campus Universitário de Pontes e Lacerda
Departamento: Letras

"A materialidade lingüística do livro didático em análise"

Prática de Ensino da Língua Portuguesa e Literaturas

Maria do Carmo Quintino

BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT
RG Nº: 5295
Data 26 / 04 / 99

Pontes e Lacerda-MT, maio de 1997

Universidade do Estado de Mato Grosso
Campus Universidade de Pontes e Lacerda
Departamento - Letras

"A materialidade lingüistica do livro didático em análise"
Prática de Ensino da Língua Portuguesa e Literaturas

Maria do Carmo Quintino

Ensaio monográfico destinado a professora de Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa e Literaturas, do VIII Semestre Curso de Letras, Maria Inês Parolin de Almeida.

Pontes e Lacerda, maio de 1997

Língua (Caetano Veloso)

...
Gosto de ser e de estar
E quero me dedicar
A criar confusões de prosódias
E uma profusão de paródias
Que encurtem dores
E furtem cores como camaleões
Gosto do Pessoa na pessoa
Da rosa no Rosa
Eu sei que a poesia está para a prosa
Assim como o amor está para a amizade
E quem há de negar que esta lhe é superior
E deixa os portugais morrerem à míngua
"minha pátria é minha língua "
...

AGRADECIMENTOS

Especialmente a Deus

Que esteve presente nos momentos mais difíceis

A Inês

Que sempre soube compreender minhas palavras, meu discurso, meu silêncio,tudo que determinou o mergulho nesta reflexão.

A meus pais

Por terem acreditado que um diploma seria a melhor herança que me deixariam, sem terem percebido que o melhor já estava sendo feito.

A meus colegas e Professores

Que de um modo ou de outro viveram esta experiência comigo, construindo uma amizade produtiva durante o curso.

Sumário

1 - Apresentação.....06

2 - Análise do corpus

2.1 - Quadro Teórico.....08

2.2 - "O problema e os livros didáticos".....11

2.3 - " Do Problema às origens ".....40

3 - Considerações finais.....48

4 - Bibliografia.....50

5 - Anexos.....52

1 Apresentação

"Uma leitura não é possível e/ou razoável em si
mas em relação às histórias"(E. Orlandi)

Como E. Orlandi coloca o fato de percebermos que "a legibilidade de um texto não é apenas unilateral e automática", é que me levou a analisar as formas de leituras possíveis para um texto e qual seu sentido a partir de uma discussão embasada no materialismo histórico. Assim procurei desenvolver o meu trabalho desencadeando o processo da significação.

Baseando-me nas várias possibilidades de leitura de um texto é que me propus a analisar as Formações Discursivas direcionadas na estruturação de leituras e de sentido com relação ao texto.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, com a análise dos dados procurei desenvolver a constituição do sentido dado à leitura, que leva a interpretação e a relação da memória, é o que a Análise do Discurso chama de Interdiscurso.

Assim escolhi livros de 5ª (quinta) série, de escolas públicas diferentes, sendo o livro 1 "Linguagem Nova", de Faraco e Moura [1] e o livro 2 "Linguagem e Realidade, de Roberto e Cloder. [2]

---

[1] FARACO e MOURA . Linguagem Nova, Editora Ática o livro 2 "Linguagem e Realidade, de Roberto 12 e Cloder. (2)*

[2] MESQUITA, Roberto M. e MARTOS, Cloder R. Linguagem & Realidade - Eitora Saraiva.

Escolhi a 5ª (quinta) série por ser uma série inicial e também porque como podemos perceber é nesta faixa etária que normalmente as crianças formam seu maior referencial teórico. E assim a classe detentora do poder se mantém através das mensagens ideológicas que transmitem valores não correspondentes aos interesses da classe popular , por meio dos LDs.

O interesse nesse recorte surgiu-me a partir de uma pesquisa que fizemos, enquanto alunos do 7º semestre do curso de Letras do Campus Universitário de Pontes e Lacerda no ano de 1996, constatamos que os livros didáticos distribuído pela FAE, conduzem o leitor a um mundo pré-determinado pelos autores do texto, do livro e de acordo com os objetivos da FAE.

Assim a partir desta escolha eu tinha o objetivo de analisar os textos do LD, sua F.D. e seus sentidos com relação aos exercícios de interpretação se, estes tinham a mesma perspectiva discursiva encontrada no texto. Comecei então em março deste ano com quatro textos, sendo dois de cada livro, citado, porém logo depois o meu "corpus" foi reduzido, devido ao curto espaço de tempo disponível, ficando então dois textos um de cada livro ficando então dois textos um de cada livro com os exercícios de interpretação a eles referentes . São os textos : "Como nasceram as estrelas "do livro 1 com os respectivos exercícios de compreensão e interpretação e "O índio em perigo" do livro 2, com o exercício de interpretação. Ambos abordam o tema indígena.

2.1 Quadro Teórico

A Análise do Discurso se volta para o exterior à linguagem inscrito na materialidade da língua , procurando observar o que está presente nas condições sócio-históricas de produção.

" A análise do discurso de orientação francesa luta contra qualquer forma de cristalização do conhecimento contra a delimitação dos domínios do saber " * (Courtine, 1984).

O quadro epistemológico da AD apresenta três áreas o materialismo histórico, a lingüística, e a teoria do discurso por entender a linguagem como trabalho, mediação homem-mundo-homem.

Nesta última enquadra-se a Formação Discursiva , que determina os processos de produção de um discurso e as suas condições pois no discurso está a materialidade ideológica, isto é, a existência material das ideologias. Para Pêcheux, essa é uma das regiões do materialismo histórico que interessa à teoria da AD, ou seja, a superestrutura ideológica ligada ao modo de produção dominante. Assim "o funcionamento da instância ideológica deve ser concebido como determinado em última instância pela instância econômica na medida em que ele aparece como uma das condições (não-econômicas) da reprodução da base econômica, mais especificamente das relações de produção inerentes a esta base econômica." *

"As formações discursivas são o que, em uma formação ideológica específica, determinam o que pode e deve ser dito a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada. "(Orlandi)

Campus

Segundo Pêcheux, a noção de FD representa na AD uma lugar central da articulação entre língua e discurso.

A FD envolve dois tipos de funcionamento, a paráfrase e o pré-construído. Para E. Orlandi "Enquanto a paráfrase é um mecanismo de fechamento", de "delimitação" das fronteiras de uma formação discursiva, a polissemia rompe essas fronteiras , "embaralhando os limites entre diferentes formações discursivas, instalando a pluralidade, a multiplicidade de sentidos;

O pré-construído designa aquilo que remete a uma construção anterior e exterior, independente, por oposição ao que é "construído" pelo enunciado . * (Hery - 1975)

* "O conceito de FD. regula, dessa forma, a referência à interpelação assujeitamento do indivíduo em sujeito de seu discurso. "

Na perspectiva da Análise do Discurso, o sujeito não é a origem, a fonte absoluta do sentido, porque na sua fala outras falas se dizem."Para Pêcheux "a ilusão discursiva do sujeito consiste em pensar que é ele a fonte, a origem do sentido do que diz.

O Discurso " é o efeito de sentido ou seja, aquilo que se diz significa em relação ao que não se diz , ao lugar social do qual se diz, para quem se diz em relação a outros discursos "(Orlandi)

As relações de um discurso com outros geram o interdiscurso, ou seja, são o ir e vir das várias formações discursivas. "O interdiscurso atravessa e põe em conexo entre si os elementos discursivos constituídos pelo interdiscurso enquanto pré-

---

* BRANDÃO , Helena H. Nagamine. Introdução à Análise do Discurso

construído, que fornece, por assim dizer, a matéria prima na qual o sujeito se constitui como "sujeito falante", com a formação discursiva que o assujeita. "(Solange Gallo).

O sentido para a A.D. não existe em si, é construído, produzido no processo da interlocução, por isso deve ser referido às condições de produção do discurso. Segundo Pêcheux o sentido de uma palavra muda de acordo com a F.D. a que pertence.

É na superfície discursiva que está o conjunto de enunciados pertencentes a uma mesma formação discursiva. Assim o texto é então uma unidade complexa de significação cuja análise implica as condições de sua produção (contexto histórico social, situação, interlocutores). Para E.Orlandi, o texto como objeto teórico não é uma unidade completa; sua natureza é intervalar, pois o sentido do texto se constrói no espaço discursivo dos interlocutores. Que resulta a interpretação (ela se dá no espaço constitutivo do silêncio) que permite ao sujeito experimentar os "seus" sentidos que circulam por diferentes significações e interpretação.

A escola como aparelho ideológico procurar direcionar e definir a transmissão da informação tradicional através do LD que estrutura formas de leitura como meios de proporcionar e legalizar uma única forma de leitura que o leitor terá como legítima. Exclui-se o processo histórico e há um apagamento do constitutivo, através do LD que funciona como recurso para o ajustamento social do aluno através de textos que compõem o livro escolhido previamente com a participação do Estado. Que ao estruturar o LD fica na " objetalidade " dos textos fixando-se na mediação, absolutizando-o perdendo a historicidade, logo sua significância."Os sentidos que podem ser lidos em um texto não estão necessariamente ali, nele ."(E. Orlandi)

2.2 " O problema e os livros didáticos"

A partir de leituras e observações sobre o Livro Didático, desenvolvo a minha tese, observando e tentando comprovar através de reflexões sobre as interpretações e textos dos LDs, qual o direcionamento dos vários sentidos que povoam os seus textos, se eles funcionam no plano parafrástico e sedimentado ou não.

Pretendo começar primeiro analisando as contextualizações que precedem os textos, em segundo as ilustrações e em terceiro os textos, para depois chegar aos exercícios de interpretação.

Assim começo analisando o pré-construído da interpretação do texto já na contextualização elaborada pelo autor do LD e que o precede em: "Como nasceram as estrelas ", (anexo).

Esse primeiro item da análise no texto em foco, prepara o leitor para a leitura do texto como lenda indígena. No processo discursivo da contextualização, o autor do LD. deixa claro que hoje se explicam as origens das coisas através da ciência, quando cita: "hoje os cientistas explicam muitas coisas (não todas) mas na época em que a ciência não era ainda tão desenvolvida, cada povo criou explicações próprias para as coisas do mundo..." [1] Do que nos advém o questionamento: Então hoje já não há lendas? Em relação a isto, vemos que a sociedade moderna também tem seus mitos, com Ayrton Senna, por exemplo, o grande ídolo de fórmula 1 que morreu num acidente e se tornou um mito. Pois se aquelas eram explicações quando surgiram entre os

Campus Universitário UNB

indígenas, hoje são lendas, e cada povo acredita ou não, segundo sua cultura e sua história.

Podemos observar sentidos como esse contrário ao pré-construído do LD em documentários e depoimentos sobre os indígenas, como: [3] " À primeira vista pode parecer que eles perderam totalmente sua cultura, mas isso não é verdade. Apesar de falarem português, também conversam na língua original e mantém vários hábitos. "(FUNAI)" Ainda há cálculos, segundo esse Órgão, dizendo que além das tribos já conhecidas, existem ainda cerca de sessenta grupos totalmente isolados na amazônia. Podem ser novas etnias ou grupos conhecidos que se isolaram".

Pode-se perceber que esses povos ainda têm sua cultura, seus deuses, e no que tenham se deixado acreturar pelos não-índios, acredito que não podemos afirmar que a ciência explica para eles a origem dos fenômenos.O que se pode concluir é que os não-índios , ou seja nós, achamos que só nossas explicações tem valor e este é o lugar ideológico presente na contextualização.

Como nossas explicações tem tanto valor assim? Porque nós acreditamos que a ciência é absoluta, ou seja fazemos dela o mito da modernidade. [4] "... A apresentação da ciência nos LDs é absolutamente a-histórica. Sem referência ao seu processo de criação e muito menos ao contexto que foi criado."

Ainda podemos observar a contextualização dizendo que "... os indígenas explicavam a sua moda... " [2] , neste sentido o " explicavam ", no pretérito imperfeito do indicativo é empregado como se os indígenas não existissem mais .O sentido na

---

[3] Depoimento do indigenista Moacir Santos, da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) à Revista "Super Interessante "Abril 1997.

[4] PRETO Nelson de Luca - A Ciência nos livros didáticos . pelado

frase citada sugere que esse povo viveu há muito tempo atrás , ou seja esse índio idealizado, tinha suas explicações, e que estas são apenas " crendices primitivas" .

Logo abaixo da contextualização o livro apresenta a ilustração, que proponho refletir em segundo lugar nesta análise.

O desenho central é uma indiazinha no estilo apache americano com trancinhas dos lados da cabeça, uma fita decorada na testa com duas penas coloridas, trazendo à nossa visão os índios idealizados dos filmes de Western estrangeiros, que trazem também índios com cabelos longos em tranças, vestidos com barras desfiadas e sapatilhas de couro de animais selvagens - já que para o clima frio dos EUA., necessita-se de agasalho, enquanto que o nosso índio vivia pelado e hoje usa poucas roupas, porque nós vivemos num país tropical

Assim, após observar a ilustração do texto temos uma ilusão de sentido e uma idealização do nosso índio, pois na contextualização do LD é apresentada a história como de indígenas brasileiros em "... como os indígenas brasileiros , que explicavam a sua moda..." [3]

Todos esses sentidos vão se formando ao encontro de uma formação discursiva, e em direção á idealização do índio.

Voltando a ilustração, o cipó pelo qual os indiozinhos subiram assemelha-se muito a uma corda feita de couro pelos índios americanos. Na ilustração, também o indiozinho que aparece subindo para o céu tem duas peninhas no cabelo amarradas pela fita colorida, o que pouco tem da caracterização , do nosso povo indígena, mesmo que dos índios do passado. Toda a ilustração procura elaborar um único sentido: o índio personificado em modelo americano e idealizado. Pois a imagem real dos nossos índios do passado e " arredios "de hoje, os traz nus ou quase nus, alguns usam

pequenas tangas de penas a maioria usa apenas adorno de penas coloridas na cabeça, se pintam, usam cabelos curtos e não usam tranças mesmos com cabelos mais comprido, andam descalços e ainda não se pode esquecer que são vários grupos de população indígenas diferenciados e cada grupo têm as mais diferentes formas de se infeitar: se pintam, usam brincos , colares, tangas, etc. (3) No Brasil existem 215 grupos identificados. Nos EUA também as nações indígenas se diferenciam, mas aquele que traz o sentido do pais para outros povos é o índio apache. Afinal o que se vê na ilustração do LD, novamente é a presença da cultura americana como forma de mostrar um sentido parafrástico para o seu índio, esquecendo e nos fazendo esquecer do nosso modelo.

O texto diz que as mulheres saem em busca de milho para moer, já que este não era trabalho para os homens indígenas que só caçavam, pescavam e guerreavam.

Assim o sentido do texto , caminham na mesma direção que a ilustração.

O texto idealiza o índio como um forte, porém pode-se perceber também a idealização da família quando se define o que os homens e as mulheres faziam. Há um trecho do texto que ao massificar a imagem do índio-homem assim forte, guerreiro, caçador , o coloca como "E ativo ", pressupõe que só falar "índio " não é o suficiente para o que se quer dizer. Precisa-se acrescentar que aqueles trabalhavam, quer dizer um passado "longínquo" esses índios eram assim, pois nota-se os verbos todos no passado, também neste mesmo trecho tem-se a definição de papeis bastante conhecidos pelo não-índio na família: " ... tiveram medo das mães que reclamariam por

comerem tanto. " [4] A mãe que sempre está atenta aos filhos, cumprindo seu papel na "f amília modelo burguês."

No texto podemos ver que as mulheres andaram, mas só encontraram espigazinhas murchas e sem graça. : " Mas só encontravam espigazinhas murchas e sem graça". Voltaram então para buscar uns "curumins". Percebe-se a idealização do indígena funcionando no sentido de que todo são de uma mesma etnia - a palavra "curimins" - essa palavra define crianças no tronco das línguas tupi e guarani que evoluíram e se transformaram nas outras línguas e não é de todos os índios brasileiros.

As mulheres acreditavam que com as crianças teriam sorte, e assim levaram-nas e encontraram o milharal viçoso desejado. Porém as crianças voltaram primeiro, e pediram à avó que preparasse bolo com o milho trazido por elas, e assim comeram todo o bolo e então resolveram fugir das mães, por medo da "bronca ", subindo para o céu num cipó que os colibris amarraram. Quando as mães viram, resolveram subir atrás, no texto diz que não deram sorte, o cipó arrebentou, elas caíram e se transformaram em onças, as crianças transformaram-se em estrelas.

Este sentido da transformação parece relacionar-se ao enredo do texto onde diz que "curumim dá sorte", pois o fato de transformaram-se em estrelas estarão iluminando a todos, mas sugere o sentido de castigo: por fugirem das mães , ficaram para sempre distante delas.

A narradora desse texto não é indígena e diz : "Vou contar a história... "ela é somente a contadora da história e como tal poderá, em suposição, vir a trazer um sentido outro para o texto, que é somente o de sua etnia, a não-índia. E é o que nos passa, ao vê-la contar a história, é como se ela fosse realmente a sua autora - origem, ela não diz onde se originou essa história, há um apagamento na voz não-índia.

Como diz a contextualização , "é uma explicação indígena", é uma "lenda brasileira".

Ela conta a história sem falar dos indígenas, que a teriam originado. Ao final do texto, ela se posiciona novamente, "mas quanto a mim, ... "Porque o texto não ressalta o indígena como aquele que cria as suas histórias, nos levando ao sentido de que só é valorizada a história contada pelos não-índios. Isto contradiz a contextuálização, que começa idealizando o indígena, dizendo que é uma explicação indígena, no sentido de lenda.

O outro sentido que caminha na mesma direção e cruza o texto já foi citado: é este que mostra a família como "célula mater da sociedade", aquela que educa bem suas crianças, em que o pai é o provedor do lar e a mãe o ajuda com seu trabalho fora, nos afazeres domésticos e na educação dos filhos. Pois o que se descreveu no texto são mulheres e homens indígenas trabalhando para manter a família, crianças que estão prontas a ajudar as mães no trabalho doméstico, enquanto isso o homem sai para o trabalho mais pesado."... muitos índios. E ativos: caçavam, pescavam, guerreavam. Mas nas tabas não faziam coisa alguma: deitavam-se nas redes e dormiam roncando. E a comida? Só as mulheres cuidavam do preparo dela ... " [5] Parece uma cena comum da vida de uma família urbana e moderna, pois esta interpretação nos remete ao sentido dos nossos padrões sociais, no qual a família é patriarcal e cabe ao homem o dever de ser o provedor (a mulher só o faz em último caso) mesmo que a mulher trabalhe fora, estará apenas ajudando o homem; em casa ela fará outra jornada de trabalho, o doméstico, do qual o homem não participa : "... dormiam roncando ."

Os padrões de vida familiar indígenas variam a cada nação, algumas são matriarcais ou não. As nações ainda podem ser nômades, vivendo num lugar enquanto é possível conseguir alimentos, outras vivem de agricultura ou de caça e pesca.

O texto enfoca sempre alguém que mantém firme a idéia de família constituída idealizada e patriarcal do não-índo, como no último material exposto.

O que se fala realmente sobre o que seria a cultura indígena é mínimo, a noção construída sobre o índio para a leitura é somente através de crenças e lendas populares e ainda colocadas como conhecimentos inferiores à ciência, porém devemos analisar que a ciência surge para explicar os fatos sob um ponto de vista, e as lendas também surgiram com esse intuito e o que se fala no texto é como se as lendas fossem uma história simplista, só com valor folclórico ou nenhum valor cultural , isto é puljante quando a autora diz: "Vou contar a história singela do nascimento das estrelas... [6] É como se fosse uma historinha inocente, natural, sem nenhum fundo ideológico." Essas historinhas" nunca falam como o povo indígena foi dizimado em nome do desenvolvimento e progresso e também que essas historinhas, tratadas pela autora como contos de fadas [5] têm um valor histórico para a tribo indígena que a criou e também deveria ser para nós, que somos os descendentes da miscigenação. Assim deveria ser valorizada como a história do nosso povo esse povo não conhecia a escrita e tudo era produzido oralmente de geração a geração. Em nada diverso das populações ágrafas não-índias. A narradodora, do seu lugar social de não-índia conta a história do índio como se fosse desvelar o conceito pré-construído sobre os índios

---

[5] BARSA Enciclopaedia

sobre os índios - por exemplo, que ele é preguiçoso segundo os não-índios - mas ela se contradiz, o "E "em "E ativos ", é fundamental para esta leitura. Ao descrever a vida do indígena passada podemos perceber pelas marcas lingüísticas, que os índios "E ativos" quer dizer "E trabalhadores", eram aqueles que "caçavam", mas o verbo está no passado, e isto nos dá o sentido de que esses índios do nosso tempo são preguiçosos.

o sentido maior do texto seria a inculcação de modelos pelo funcionamento dos sentidos, que através das idealizações funcionam como ajuste social do leitor a formação ideológica pré-determinada pelo sistema social.

Quando a narradora cita os índios e os "seus" moldes de vida, fala que as Índias e as crianças encontraram "um milharal viçoso crescendo alto numa clareira [7] ". Antes diz que só encontravam : "espigazinhas murchas e sem graça ".

As duas partes aqui transcritas mostram que o milho havia sido plantado, por isso estaria numa clareira; o fato de ter somente pequenas espigas mostra que já havia sido colhido uma vez por alguém. E se a lenda é de índios brasileiros, isto quer dizer que o milho foi plantado, pois [6] o milho é nativo da América e aqui na Amércica do Sul se produz somente quando plantado, segundo historiadores. Sendo assim, pelo que é dito no texto, esses índios não eram agricultores, como cita o segundo parágrafo. E as índias não só cozinhavam, mas também coletavam, como diz no terceiro parágrafo: "Uma vez elas notaram que faltava milho no cesto para moer. Que fizeram as valentes mulheres ? O seguinte: enfurnaram-se nas matas [7] ..." mais à frente, nas linhas 19 e 20, é confirmada a coleta, quando diz que elas encontraram o milharal no meio da floresta

---

[6] BARSA Enciclopaedia

"... e numa clareira da floresta - eis um milharal viçoso crescendo alto. As índias maravilhadas disseram : toca a colher tanta espiga .[8]" E de quem era o milharal onde coletavam? Dos agricultores não-índios que eram os prováveis agricultores de tal cultura.

Pode-se perceber que durante a busca as mulheres andam pela floresta, e há então um sentido de idealização da natureza que completa a direção idealizada para o que configuramos até então". Sem medo enfurnaram-se na mata, sob um gostoso sol amarelo. As árvores rebrilhavam verdes e embaixo delas havia sombra e água fresca. Quando saíam de debaixo das copas encontravam o calor, bebiam no reino das água dos riachos buliços. Mas sempre procurando milho porque a fome era daquelas que as faziam comer folhas de árvores. Mas só encontravam espigazinhas murchas e sem graça ... [10]"

Aqui a narradora, ao idealizar a natureza também nos remete a um outro sentido, o bucólico, do campo, da vida ao ar livre em contato com a natureza, homem e natureza numa convivência harmoniosa e idealiza mais uma vez o índio, por conseguinte como aquele que vivia em equilíbrio antes da chegada do não-índio.

O costume indígena citado antes também faz parte de sua cultura, é histórico, o que não é dito no texto, ou seja, tudo é dividido para todos, então tudo que encontram seria de todos e eles se sentem no direito de levar até a aldeia para lá dividirem. Assim os agricultores se sentem roubados, mas para o índio ele apenas pega a parte que precisa já que, se está na floresta ou próximo, pertence a todos que vivem ali pelos arredores. [7] Segundo os costumes tribais a terra pertence a todos. Então pode

---

[7] ARANHA, M. Lucia, MARTINS M. Helena P. - Filosofando p. 214

ter advindo daí o preconceito de que índio é preguiçoso, pois as pessoas não-índias desconhecem os costumes indígenas é o apagamento do histórico.

Essa terra que para o índio pertence a todos, no texto é colocada como natureza e é dadivosa como na citação 7. Esta idealização da natureza é tão forte que dá vida : "riachos buliçosos", remetem-nos ao sentido de que estão vivos, "se remexem", "são convidativos" a idealização é cada vez mais reforçada e assim permanecem as interpretações sedimentadas, como temos da visão romântica com autores como [8] Visconde de Taunay em "Inocência ". "... Garbosas e elevadas árvores que se bem não tomem, todas o corpo de que são capazes à beira das águas correntes ou regadas pela linfa dos córregos... "

O texto conta-nos a história do suposto nascimento das estrelas, a narradora coloca que antes os índios olhavam para o céu, isto viria trazer um sentido de que eles não olham mais para o céu? Que agora tem o não-índio para explicar tudo com sua ciência? É como se os índios nunca tivessem criado nada. Ao final a narradora fecha o texto colocando sua opinião: "Estrelas são os olhos de Deus vigiando para que tudo corra bem. Para sempre ". Isso é o que quer idealizar: o índio do seu ponto de vista com o apagamento do processo histórico não tem história própria, pois a maioria dos não-índios recebem essa idealização como única história dos povos indígenas. A narradora, como sujeito não-índio, em nenhum momento coloca a visão dos indígenas, mas ao final ressalta o sentido do seu lugar, como contadora da história, colocando que "estrelas são os olhos de Deus vigiando para que tudo corra bem sempre ." Quer dizer os cientistas explicam, mas ela tem sua visão, usando os verbos no presente e enfatiza,

---

[8] TAUNAY, Visconde de. Escritor Romântico - em seu Livro "Inocência" descreve as belezas das florestas de Mato Grosso

"sempre não acaba nunca", então os indígenas podem acreditar em suas lendas também e os não-índios não devem interferir. Este sentido também aparece em "não todas" na contextualização.

O segundo texto desta reflexão segue os mesmos critérios da análise anterior, o texto é : "O índio em perigo ".

Temos também, como no livro 1, uma "contextualização" que precede o texto, procurando chamar a atenção do leitor-aluno, bem como ocorre o fato. O comentário cita enfaticamente a presença de um herói que estará ajudando o índio, ou seja, a contextualização sugere o sentido para o índio como aquele que precisa de proteção, de ajuda, aquele que não consegue sobreviver sozinho, mas necessita do não-índio.

O segundo ítem desta análise é as ilustrações da floresta, que aparece na contextualização, como parte do Brasil central. A ilustração mostra o esplendor de uma paisagem muito verde, que parece a gravura de uma parte da floresta apenas apenas descrita no texto 1 do outro LD. Nesta gravura aparecem raios de sol e uma estrada entre à floresta, com rastros bem marcados, mais acima, na 2º página se vê um campo mais aberto, dois homens a cavalo, com cargas. A floresta é muito bonita e também típica da citações da visão romântica que formam nosso referencial histórico sobre as florestas brasileiras que lemos dos romancistas brasileiros do século XVIII e XIX, como Visconde de Taunay e José de Alencar, que falam das florestas brasileiras descrevendo-a como um poço de riqueza em suas variedades vegetais.

[9] ."(...) mimosa grama toda salpicada de flores silvestres. Ora campos a perder de vista (...) " A ilustração do LD retrata bem esse verde, como também traz variadas formas de folhas nas plantas ilustradas. É uma típica floresta do Brasil central, quando ainda não era devastada, já que quando o texto foi escrito as florestas do Brasil ainda estavam praticamente intactas, ou eram pouco povoadas. Essa idealização no texto, originária da visão romântica, sugeria a colonização, o povoamento, ou seja era uma propaganda para que novos povos se intersetassem em viver no Brasil.

Esse ideal romântico de idealização do Brasil como um paraíso estápresente até hoje. Como em "O Guaraní" [9] ... Cecília estava bela nadando sobre as água límpidas da corretnte ... Parecia uma dessas garças brancas, ou colhereiras de rósea cor que deslizam mansamente à flor do laço, nas tardes serenas, espelhando-se no cristal das águas ". Aqui vemos claramente a idealização da natureza descrita pelo autor, o que também aparece no texto em análise. Um sentido cristalizado por uma formação ideológica em jogo.

Porém um fato interessante a ser observado é que em nenhum momento aparece o índio somente o herói, que val aparecer no texto, ou seja o sentido que funciona na ilustração é da idealização do salvador do índio: " o branco ".

O texto em foco fala sobre um índio perseguido por não-índios, chamando a atenção sempre para o primeiro como perseguido trazendo o sentido de que ele precisa de um não-índio para salvá-lo, propondo assim a sociedade do não-índio como

---

ALENCAR. José de . O Guarani - Livro Indianista.

Campus Universitário de Pontes e Lacerda
UNEMAT
BIBLIOTECA

para salvá-lo, propondo assim a sociedade do não-índio como civilizada e mais poderosa. Assim como no texto 1, onde os padrões de realização dessa sociedade são vistos perfilados durante todo o seu enredo, no texto 2 os "melhores" também são os não-índios, os sentidos estão operando numa mesma direção, ou seja : a sociedade do não-índio como a melhor. Pois podemos observar que o autor sugere um não-índio como "o herói salvador "em: "... Então alguma coisa clareou dentro de mim: eu precisava salvar aquele índio ..."

O índio sofre perseguição de jagunços, o que indica que estes são pagos para perseguir e as terras são de algum latifundiário poderoso o suficiente para manter jagunços cuidando delas fato bastante comum no Brasil colonial, tempo em que os donos de terras mantinham jagunços nas fazendas para qualquer eventualidade que contrariasse as suas vontades ou o seu poder, os famosos coronéis, que existiram como "Teodorico o Imperador do sertão " e outros que ainda existem hoje e são comuns pelo Brasil.

O índio no texto está sempre à frente de seus perseguidores segundo o narrador, o que demonstra que ele é conhecedor do terreno e assim interpretado como aquele que sofre perseguição e que precisa de espaço: Enquanto se diz que o índio é forte em , "... o bicho é duro na queda . Tenho a impressão de que ele está se distanciando mais ainda. " O sujeito - autor cai em contradição e o expõe como perseguido que precisa de ajuda, em : "... eu precisava salvar aquele índio... admirava aquela gente perseguida e humilhada pelo branco invasor de suas terras. " É como se o índio estivesse sendo "humilhado pelo branco" somente não incluindo nenhuma outra raça, como se ele precisasse de proteção somente contra o "branco", numa terra onde

há uma miscigenação em massa. Seria uma interpelação do sujeito-autor de um outro sentido possível: por ser bicho ele é irracional e precisa de ajuda inteligente?

Ao certo o que temos é o índio como conhecedor do terreno e ainda quando cita ele como "... o bicho é duro na queda ", fica mais clara a presença do índio como inferior a todas as outras personagens. O sentido elaborado é o de animal, de selvagem, não aquele que é de uma outra etnia, mas aquele que é "bicho do mato". O índio é colocado como determinado, quando cita: "... tem a determinação de uma fera. " Mas tentando evidenciar a sua força, diz que ele tem "sangue de uma fera ", o sangue é vida, logo, a comparação novamente vem com a fera.

O herói citado pelo texto é Gavião Vaqueiro, que acompanha seu amigo Zé Amânsio na busca ao indígena perseguido, na tentativa de ajudá-lo, como é citado no penúltimo parágrafo:" Então alguma coisa clareou dentro de min: eu precisava salvar aquele índio..."

Toda essa trama de perseguição nos remete aos sentidos dos filmes americanos de Western, nos quais os índios são também perseguidos. Inclusive os nomes usados no texto no remetem a esse sentido. Vale lembrar, assim, que no livro 1 esse sentido de Western também funciona, mas com relação à ilustração. E neste texto o autor procura usar o nome enfaticamente como se fosse um nome dado pelos índios, mas que índios? Se o texto fala que o fato ocorre nas florestas brasileiras, logo os índios têm quer ser brasileiros, mas esse nome é importado da cultura estrangeira. sabemos que os nomes da cultura indígena brasileira são outros, como podemos observar através dos fatos que ocorrem inclusive hoje: o índio assassinado em Brasília no dia 20/04/97 , que era Galdino de Jesus, ou um índio que é piloto de barco no rio Amazonas e foi mostrado por um programa Globo Repórter, em fevereiro deste ano, que é Delfim,

ou um outro entrevistado pela mesma reportagem chamado Ivan. Este último segundo a reportagem é o único na aldeia que fala a língua portuguesa, nem por isso o nome dele é estranho.

O texto volta ao não-índio quando coloca que "só o branco bom e conhecido" eles levam para a aldeia isto acaba por nos levar ao sentido de que precisam de proteção do não-índio, segundo o autor.

Outro sentido também encontrado pela segunda vez em funcionamento é a idealização da família neste mesmo trecho, quando ele cita que na aldeia tem as mulheres e crianças que devem ser protegidas : "... tem as mulheres e crianças que podem sair feridas ou mortas num tiroteio."

Essa visão patriarcal de família em que as mulheres e crianças inspiram proteção é um sentido cristalizado, pois é muito antiga inspirada na Bíblia em que a [10] " sagrada família " precisa hospedar-se e "José" procura uma abrigo seguro para "Maria dar a Luz ".

A nossa visão do índio é uma visão também sedimentada desde o Romântismo, em que o índio foi descrito nos livros como uma figura europeizada, pois " [11] os escritores cultivavam o nacionalismo a exaltação da natureza e assim a criação de um herói nacional na figura do índio ". (José de Nicola) . Assim surge a imagem do índio idealizada, da visão romântica que chega aos nossos dias, acrescida do quadro ideal (não mais europeu) funcionando em um discurso elaborado por sujeitos contemporâneos a nós.

---

(10) LUCAS 2, 1 - 7 - Nascimento de Jesus
(11) NICOLA José de . Língua Literatura e Redação

Discurso elaborado também temos com relação a idealização da natureza que começa na visão romântica com o naturalismo marcado por uma forma de propaganda ao colonialismo colocando o país como um paraíso chegando aos nosso dias transformada agora em objetivo de proteção pelos interesses estrangeiros que colocam a Amazônia por exemplo como "pulmão do mundo".

Logo após o texto aparece a interpretação no LD que , como foi dito antes, é também foco de análise, como a contextualização, a ilustração e o próprio texto. Nela está o quarto ítem cujo objetivo continua sendo o de verificar se os sentidos caminham na mesma direção que o texto, e os outros elementos que o constituem no LD.

Os LDs em observação: trazem as interpretações estruturadas de forma diferente, no livro 1 os exercícios referentes ao texto são colocados como "Estudo do texto "primeiro aparece a "Compreensão "com 7 (sete) perguntas, logo depois o "Vocabulário "- com 5 (cinco) ítens e que não será analisado por mim -e em terceiro a "Interpretação "com 5 (cinco) questões. Encerra-se com o "Ponto de vista ", que também não se constitui foco desta pesquisa.

No livro 2 a estruturação dos exercícios é : primeiro o "Vocabulário", em seguida o "Estudo das Palavras" que não se constituem partes do meu estudo em análise. Seguindo aparece o "Estudo do texto "que se divide em 7 (sete) perguntas objetivas. e ao final a "Expressão oral ", que também não será analisada.

As perguntas da compreensão no livro 1, são todas objetivas e se direcionam ao sentido do texto. Também a interpretação em sua maioria constitue de perguntas direcionadas ao texto. No livro 2 as perguntas são direcionadas em

Campus Universitário de
UNEMAT
BIBLI

interrogativas correspondendo a uma resposta objetiva, que obviamente será copiada do texto exemplo: "Quem conta a história da perseguição ao índio? "

Na pergunta 1 do LD 2 se vê o funcionamento dos sentidos que povoam o texto, e considera-se que pelo (suposto) conteúdo das palavras se dê respostas, se interprete. É o que Eni Orlandi chama de "ilusão da interpretação ", o LD supõe uma relação termo-a-termo entre pensamento/linguagem/mundo, como se a relação entre palavras e coisas fosse uma relação natural e não linguístico-histórica.

Porque a pergunta é tão direcionada ? A história contada da perseguição do índio, traz sentidos de sua idealização como aquele que é forte, que conhece a natureza e sabe sobreviver dela e com ela, mas ao mesmo tempo precisa do não-índio, que o texto coloca como "branco ". Na pergunta vemos o mesmo sentido do texto reforçado, aquele que precisa de proteção. Pode-se perceber também que esta pergunta sugere uma resposta lá da contextualização do texto ou seja o leitor já tem constituído como diz E. Orlandi: "o processo ideológico não se liga `a falta mas ao excesso. A ideologia representa a saturação, o efeito de completude que, por sua vez, produz o efeito de evidência, sustentando-se sobre o já dito ."

Assim se torna natural coplar as respostas para as interpretações, seguindo uma das partes do LD. "os sentidos são institucionalizados, admitidos por todos como naturais . "(E. Orlandi).

O autor separa intencionalmente como no livro 1 compreensão e interpretação, ou seja ele tenta estruturar o entendimento da leitura por passos assim como a professora entrevistada para um trabalho com a Análise do Discurso que colocava a leitura como um estudo que deve ser estruturado por passos para que o aluno aprenda: "... primeiro eu faço, eu entrego o texto, aí eles fazem a pré-leitura.

Silenciosa !!! Depois eles ,a gente faz a leitura, a leitura em voz alta, eles acompanham ... "

O que se vê nos exercícios do LD e na referida entrevista é um processo estruturado para o sistema de ensino. É como E. Orlandi coloca "considera-se o conteúdo (suposto) das palavras e não o funcionamento do discurso na produção dos sentidos, ou seja, o leitor já espera encontar fórmulas para se entender o texto quando abre o LD.

A segunda pergunta do livro 2 também vem confirmar os sentidos : "O que a observação das pegadas revelou a "Gavião Vaqueiro e a Zé Amânsio? "Esta pergunta se dirige exatamente ao segundo parágrafo, ou seja, a formações ideológicas constituídas: quem já fez uma pergunta de interpretação de texto sabe fazer todas. Os outros sentidos que funcionan no texto são "esquecidos " . Como a ideologia que se refere à idealização do índio, seja como oprimido, como bicho ou como o forte.

Quando a resposta da pergunta sugerida poderia ser que o índio está à frente dos perseguidores, que ele é esperto na mata, mas está só e a pé , enquanto os homens que o perseguem andam a cavalo. O autor deixa se pensar o único sentido do texto como o fato de o índio estar só, mas ser esperto e seus perseguidores apesar de possuir meios de perseguição não o alcançam, mas isto não descarta a possibilidade de ele estar em perigo, como sugere o título.

Essa é a única forma de constituir na memória do leitor índios idealizados , ou seja, as perguntas caminham para o mesmo sentido do texto.

A pergunta de número 3 (três) do livro 2 sugere uma resposta quase ao final do texto , pois o enunciado é : " Por que os jagunços não haviam alcançado o índio? " Diretamente no texto pode se perceber que a resposta será : Porque os

homens não podiam ir mais depressa, por causa do terreno esburacado e enlameado , os cavalos não conseguiam. Esta pergunta sugere uma idealização maior do indígena, como aquele que precisa de ajuda do não-índio , o mesmo sentido predominante do texto, porque o personagem índio é um só e os perseguidores são muitos, isto sugere que o povo indígenas é em menor número e precisa de socorro para não ser extinto .

A pergunta 4 (quatro) do livro 2 traz o mesmo sentido de necessidade de proteção aos povos indígenas. Observemos : " por que um índio em perigo nunca volta a sua aldeia ? " A resposta seria " porque só o branco é comhecido deles pode entrar onde moram. " Podemos perceber novamente a forte idealização do índio, pois quem poderia ser "o branco bom e conhecido deles "? O protetor , defensor o fato de o próprio índio defender a aldeia... Quer dizer que mesmo todos juntos, precisam de proteção do não-índio . Este sentido funciona como a idealização da família no sentido patriarcal, em que o homem deve proteger as mulheres frágeis, os velhos e as crianças.

Percebe-se assim como a ideologia só existe no mecanismo de uma manipulação dos sentido do texto. Como diz E. Orlandi " a interpretação aparece para o sujeito como transparência, como o sentido " . Apagam-se suas condições de produção. Provavelmente o acontecido com o autor LD - que formulou a interpretação - a respeito do texto de Assis Brasil.

A pergunta 5 (cinco) do livro 2 procurava realçar os sentidos de idealização do índio uma vez forçando a busca de qualidade no texto: " Embora o índio não aparece diretamente no texto , algumas qualidades suas são destacadas. Quais ?" Aqui se vê que o processo cristalizado sobre o índio como um forte, que vem da visão romântica, não é questionado, mas sendimentado através do LD em nossos dias, o que

é pior , pois os românticos a divulgavam mas ainda não em massa, e hoje essa idealização é tida como natural, porque está na escola, instituição a serviço de um sentido ideológico.

Na pergunta 6 (seis) , o livro dois direciona a pergunta a dar e realce a atitude do " herói", veja : "Qual a atitude de Gavião Vaqueiro diante da situação do índio ? Por que ? "

Esse "Gavião Vaqueiro ", tem em suas atitudes e pensamentos , o ideal paternalista da FUNAI personificado . A resposta será uma parte do penúltimo parágrafo, onde o narrador Gavião Vaqueiro - diz , após ter visto a perseguição do índio: "Então alguma coisa clareou dentro de mim : eu precisava salvar aquele índio ". "... porque admirava aquela gente perseguida e humihada..."

A interpretação direciona os sentidos para os mesmo sugerido pelo texto . Pelo desenrolar dos exercícios percebe-se que a salvadora dos índios é a FUNAI , segundo os sentidos da interpretação , mas esquece-se que os colonizadores também eram brancos e a FUNAI é o mesmo governo.

Ao finalizar a interpretação do livro 2 , na pergunta 7 (sete) , o autor procura chamar a atenção para os conflitos entre índios e não-índios colocando "índios " x " brancos" como pólos contrários, ou ainda, mostrando a sociedade não-índia como igual, onde todos são "brancos " e opressores o que não é verdade pois nessa sociedades ninguém é tratado com igualdade e nem os conflitantes são brancos . Assim a pergunta é colocada : "O que o autor do texto, através das palavra da personagem Gavião Vaqueiro, quer nos transmitir a respeito dos conflitos entre brancos e índios? " Essa pergunta sugere uma resposta com sentido de idealização ou seja é um reforço ao funcionamento de sentido cristalizado no LD desde a contextualização,

em que se vê o sentido de necessidade de proteção ao índio. É como se os índios precisassem de proteção extra, por não saberem se proteger do mesmo.

Nesta pergunta podemos perceber que ela esta direcionada para o que o autor do texto supostamente quis dizer. É o que E. Orlandi coloca sobre "autor onipotente, cujas intenções controlam todo o percurso da significação do texto. Ou seja, não se considera o que não está dito, há um apagamento do processo histórico, "Os sentidos que podem ser lidos, então, em um texto não estão necessariamente ali nele. O sentido de um texto passa pela relação dele com outros textos."

"Daí a ilusão de se definirem os sentidos pela pergunta ingênua: O que X quer dizer? "(Orlandi).

No livro 1 a vários sentidos, mas a idealização da família é predominante, assim na pergunta 1 da compreensão, há um direcionamento para a mesma FD do texto: "No segundo parágrafo, fala-se de um costume índigena relativo a alimentação da tribo". Já sugerindo uma interpretação que direciona papeis ao homem e a mulher pelo modelo social, e pelo texto é como se os índios tivessem os mesmos papéis definidos na família, ou seja é como se eles vivessem à nossa moda e como se todos os índios fossem de uma mesma nação. A pergunta se divide em dois itens em que percebe-se esses fatos veja:" a - Que papel cabia ao homem ? b - E a mulher ?"É como se todas as familias tivesses papéis definidos em qualquer etnia, pelo direcionamento das perguntas, percebe-se a idealização da família. Ou seja é o que se diz (E. Orlandi). "enquanto se considera o conteúdo (suposto) das palavras, o sentido está no funcionamento do discurso".

A pergunta do livro 1 número 2 (dois) traz dois sentidos : a idealização da família e da natureza, mas as perguntas são todas direcionadas objetamente para que

Campus Univ... UN...

reflitam outras possibilidade de leitura que não as sedimentadas e já tratadas, quando coloca "... sem medo enfurnaram-se nas matas ... a - Quem ?" sugere como resposta "as valentes mulheres", que ajudam na família. Em seguida as outras perguntas são: "b - Para quê ? c - Por quê ? "As respostas seriam todas em busca de trechos do texto que sugere os sentidos de idealização da família, da natureza como a "d". , que sugere a estação do verão porque o sol era quente com muito calor e árvores frondosas.

A estruturação das perguntas com relação a leitura fica mais clara à medida em que se desenvolve o exercício e se percebem as perguntas exatamente direcionadas em sequência por parágrafo; raramente se reflete sobre todo o texto , mas continuamente se deve voltar e ler para responder, ou seja, é o processo de saturação ideológica para que fiquem constituídos os sentidos ideológicos desejados sobre o texto, que para E. Orlandi é o que a concepção discursiva de ideologia estabelece por condições de produções específicas, que aparecem como universais e eternas. disso resulta a impressão do sentido único e verdadeiro. "O sujeito não conhece os outros discursos que lutam contra o discurso dominante ido como literal". (Mónica) .

Ainda na pergunta 5 (cinco) do livro 1 o sentido de proteção, a idealização da família aparece em: " Porque os garotos abandonaram as mães antes do fim da colheita? "Não acredito que eles abandonaram, simplesmente resolveram voltar porque, pelo jeito, o milho estava verde e poderia ser feito bolo, e como crianças resolveram voltar e pedir para avó fazer bolo, porque ao que parece o milho verde da região estava difícil, a autora do texto cita no terceiro parágrafo "... faltava milho no cesto ... " e ainda mais adiante "... só encontravam espigazinhas murchas e sem graça ... "Então não era época de fome, mas o milho já devia estar sendo colhido pelos agricultores e esse milharal viçoso deve ter sido plantado mais tradio. A resposta proposta pelo LD do

professor, diz que os garotos voltaram porque estavam com fome, se essa fome fosse de uma "época de fome", eles não iriam querer se esconder da mãe depois de terem comido todo o bolo e as mães provavelmente não iriam ficar bravas.

Em seguida percebe-se a estruturação que segue o processo discursivo do texto pela pergunta 6 (seis) , ainda do livro 1 . "Como ficaram com medo das mães, os curumins traçaram um plano. a - Qual ? b - Eles concretizaram esse plano? Por que ? "Essas perguntas sugerem a idealização da família como na pergunta anterior, pois a resposta será "a - é esconder a avó e o papagaio para não contarem que eles haviam comido muito bolo de milho ". Nesse caso o modelo classe média (pequeno burguês) de família padrão do não-índio está presente, pois essas mães é que vivem cuidando do filho para que não comam em demasia um alimento e deixem outros "importantes". Enquanto isso "a avó estraga os netos ", fazendo bolos e doces, outro fator importante que reincide a idealização é que toda família tem um animal de estimação.

Quanto à pergunta b, o LD cita como resposta que os "curumins" não poderiam esconder a avó e o papagaio, pois as mães dariam falta: a avó é uma pessoa da família idealizada e para as crianças considerarem-na assim faladeira é pouco provável que seja nos padrões indígenas. Quanto ao papagaio apesar de ser uma ave da floresta toda família, como é dito antes, tem um animal de estimação.

Ao finalizar a compreensão do livro 1 a pergunta 7 (sete) sugere 4(quatro) alternativas a, b, c, d e pede para identificar uma : "Identifique a alternativa e justifique sua resposta: "A resposta sugerida pelo LD como correta é a "d ", também é sugerido pelo LD do professor que o aluno cite todo o final do 5 º (quinto) parágrafo como justificativa. Esta resposta sugerida diz: "As mães ficaram nervosas e tentaram recuperar seus filhos que estavam a caminho do céu. "Aqui também vemos a

idealização da família, pois poderia se usar a expressão "As índias ficaram preocupadas com os curumins". Esta frase do exercício 7 (sete) como diz * * Focault "... é um dos procedimentos de controle que funcionam como um retorno do discurso sobre si mesmo". Ou seja, é um reforço ao sentido do texto de idealização da família.

Sentidos manipulados pelo funcionamento do discurso também percebem-se na pergunta 3 (três) da compreensão, do texto 1, que diz : "Era uma época de muita fome. Copie um trecho do terceiro parágrafo que comprova essa afirmativa ". Não acredito que esse seja o único sentido possível do texto porque como é dito lá, as "valentes mulheres "saíram para procurar milho porque perceberam que faltava no cesto para moer e como a floresta era enorme, pelo que se sugere no texto, provavelmente sentiram fome e sede no caminho porque o texto diz: "... embaixo das árvores havia sombra e água fresca. Quando saíam de debaixo das copas encontravam o calor, bebiam das águas "dos riachos buliçosos ". Se elas bebiam das águas dos "riachos", logo sugere que era mais de um, então prova que andaram muito e poderiam estar com fome por isso, pois mais a frente o texto diz: "Mas sempre procurando milho porque a fome era daquelas que as faziam comer folhas de árvores ". Eu acredito que comiam as folhas de árvores para se manter enquanto estavam à procura do milho viçoso, pois se estivessem numa época de muita fome, qualquer milho ou outra planta serviria para levar de volta à taba. Como elas podiam escolher o milho, não era época de fome, poderia ser apenas um dia de procura, pois o texto diz: "... só encontravam espigazinhas murchas e sem graça. "E pelo sentido do texto, esse milho as índias não queriam. Não estavam em época de fome, pois a floresta era verde e cheia de riachos como é idealizada no texto, um paraíso. A leitura do texto se contrapõe à da interpretação, pois o texto direciona para uma F.D. de idealização e a pergunta coloca uma natureza diferente, que não sustenta

os nativos da região . Há uma quebra do sentido sedimentado de idealização da natureza o que comprova o sentido diferenciado presente na pergunta.

Buscando o mesmo sentido ideológico e mesma estruturação está o ítem 4 (quatro) do livro 1 , em que se percebe a mesma contradição anterior, quando é citado: "As mulheres não estavam sendo bem sucedidas na sua busca ". Se elas não estavam sendo bem sucedidas na suas busca é porque tinham andado muito, estavam cansadas, então não era época de fome. Isto ainda fica mais claro na continuação da pergunta que são os itens: " a - Que providência tomaram elas ? b - Por que tomaram essa decisão e não outra ? "As respostas são buscadas no texto de forma direcionada, mas vejamos com relação ao sentido antes citado: elas foram buscar as crianças para que dessem sorte, pois acreditavam que isto acontecia com as crianças por perto. Se as mulheres ainda voltaram à taba para buscar os "curumins" que lhes traziam sorte na busca, comprova que a fome não era de uma época, mas de um dia de trabalho.

Ainda permeia o mesmo sentido de contradição no item 2 , quando se pergunta a estação do ano e a resposta sugerida é o verão: essa estação no Brasil é época de chuvas e nela não há fome, principalmente num lugar onde se tem riachos buliçosos, cheios de vida , que podem ter muitos peixes e árvores frutíferas às margens. Há um sentido de idealização da natureza como no livro 2, na ilustração do texto.

No livro 1 na "interpretação "após a "compreensão ", que já inculcou todos os sentidos do texto como idealização da família indígena e dele próprio. O leitor é encaminhado, a ver o que o LD visa a sedimentar. Os exercícios vêm estruturados em passos, que seguem a leitura do texto é como se o leitor não entendesse o todo, mas partes, como se o leitor só soubesse seguir uma única direção no texto. Essa forma de

estruturação garantirá ao leitor uma única visão de leitura . E como Eni Orlandi coloca, "as leituras previstas para um texto devem entrar como um dos constituintes das condições de produção da leitura e não como constituinte determinante ".

Na primeira pergunta já vem a colocação. " O texto pode ser dividido em três partes ", em seguida está o esquema a, b, c, na pergunta, então se pede que indique o começo e o final de cada parte assim: "a - como era a noite antes desses curumins ". A afirmativa sugere resposta objetiva que deverá ser copiada, pois no enunciado dizia que esta é a primeira parte do texto, então não é para se interpretar", mas para se subdividir o texto. Nas afirmativas b e c continua a subdivisão. Porém um fato interessante na última afirmativa é que o autor coloca assim: Interpretação pessoal do narrador sobre as estrelas."Se é uma interpretação pessoal, então deveria ser dito de onde vem essa lenda ou então sugerir de onde pode ter vindo, para que a narradora a tenha contado do seu lugar, colocando os sentidos do seu povo na história indígena.

O que se vê na estruturação do estudo do texto é uma diferença mínima , a "compreensão segue uma estrutura maior do texto enquanto a interpretação vê na primeira pergunta a sua divisão por partes e logo em seguida começa a compará-la a outras leituras que o sujeito possa ter observado.

A pergunta número 2 traz os sentidos correspondentes aos perfigurados no texto quando cita os modelos da nossa sociedade e a idealização da família: "O costume de não participar do preparo da comida, comum entre os índios, é também comum na sociedade branca hoje?"

A pergunta enfatiza aquele modelo de sociedade patriarcal colocando-o como comum entre os índios de outrora, porque a expressão" na sociedade branca hoje", com esse "hoje ", deixou os indígenas idealizados numa época distante, como se não

existissem mais. Ao contrário do que está expresso nessas palavras, é o que acontece, pois não se pode afirmar que existe essa tal "sociedade branca "depois da miscigenação de raça que aconteceu no Brasil.Essa pergunta diferencia etnias, mas sugere a aproximação dos moldes familiares como forma de idealização da família ou seja é o sujeito do autor do LD fazendo sua interpretação. O LD. do professor traz sugestão de que os alunos comentarão a divisão dos trabalhos domésticos de suas casas, mas diz que não existe resposta certa, pois se observa hoje a permanência ou não da divisão de trabalhos a que o texto se refere. Ou seja, a sociedade pode dividir alguns trabalhos na família , mas o sentido predominante é o de família patriarcal, já induzido pelas materialidade da pergunta.

Na pergunta 3 (três), o autor diz que a história começa com a narrativa "era uma vez ... "e pergunta se ela estaria adequada " num livro de Ciências ou de Geografia em que se explicasse a origem das estrelas. "É obvio que não e nem para um fato histórico indígena, pois essa expressão "era uma vez ... "sugere contos de fadas. Mas como para nós a ciência é que é importante, então se deixa o histórico dos índios ser escrito assim, acontecendo, outra vez a sedimentação.

O livro ainda sugere, para resposta da pergunta 3 (Três) , que após o aluno ter estudado em unidade anterior a diferença entre um fato real e um ficcional deve-lhe seu sugerida a resposta: " no texto lido narra-se um fato ficcional, inadequado a uma explicação ciêntifica dos fatos ".

Essa divisão é possível para os não-índios, mas como colocá-la como única verdade, se o fato aconteceu entre os indígenas, para esse povo não é considerado um fato fictício. Em continuação, o número 4 (quatro) se sugere uma comparação com um outro texto, em uma comparação com

um outro texto, em seguida pergunta : "Em qual dos dois predomina uma maneira emocional de tratar o assunto "estrelas ? "Isto quer dizer que a autora não conta uma "historinha singela "como diz ela , mas usa da emoção para tratar do assunto das estrelas, pois a respostas sugerida pelo livro é que no texto predominou a emoção já que o pequeno comentário a que foi comparado fala das estrelas como "corpos cheios de gás e com luz própria."

Como um leitor pode fazer tal comparação ? É necessário ser "sabe tudo". É como E. Orlandi coloca "um leitor onisciente cuja capacidade de compreensão dominasse as múltiplas determinações de sentidos que jogam em um processo de leitura".

A última pergunta, número 5 (cinco) também traz o mesmo sentido de um leitor capacitado a fazer comparações no imediatismo, como podemos ver pelo enunciado que compara uma foto de um céu escuro com estrelas ao quadro que abre a unidade que estamos discutindo e a pergunta é: b " Em qual das ilustrações predomina uma maneira emocional de retratar as estrelas ? "A resposta sugerida é : "No quadro de Van Gogh ." Que é o quadro que abre a unidade do livro 1 em análise. Só que eu vejo que um fotógrafo tem que ter sensibilidade e usar da emoção para tirar boas fotos não creio que se possa definir quem usou mais ou menos emoção nesse caso. Além do sentido da ciência que se preocupa só com a razão.

Podemos perceber que os exercícios dos texto, que poderiam abrir intenção de interpretação controlam e limitam as possibilidades como diz [12] Foucault. Esse

---

** [12] Comentário in - Limiares de silêncio : A leitura intervalar - Mónica G. Zoppi Fontana.

controle da significação aparece no texto didático desde a contextualização para que não se deixem outros possíveis sentidos do texto serem interpretados pelo leitor.

2.3 " Do problema as origens "

> " A análise do discurso é uma teoria que trabalha com a historicidade dos processos de linguagem"
> (Mónica G. Z. Fontana)

Se a linguagem é constituída por processo histórico-sociais, o dizer não está no sujeito como dominador, mas é fruto de outros dizeres , está relacionando à sua história e à história de outros dizeres que constitui um histórico mais amplo. O discurso assim se forma como um reflexo da realidade segundo Pêcheux . Assim " o sujeito produz a linguagem e também está reproduzindo nela, acreditando ser a fonte exclusiva de seu discurso, quando na realidade retoma sentindos preexistentes" . (E. Orlandi) . É o que Pêcheux chama de " ilusão discursiva do sujeito ".

Vale lembrar assim que o todo que constituiu o texto tem a ver com as condições de produção, com situação discursiva com a relação com os outros textos.

A referência a história se faz necessária para conhecermos a constituição histórica do sujeito e suas relações com os sentidos instituídos pela linguagem histórica.

Baseando-me nesses dados da A.D. é que pretendo analisar os dados das sistematização do meu "corpus " , ou seja, sua Formação Discursiva, já que se trata de um livro didático e os sentidos encontrados por mim, se filiam a uma mesma FD. , por constituírem um dizer parafrástico .

Vemos claramente nos dois textos os mesmos sentidos , que são a idealização do índio, da sua família e da natureza que o circunda. O primeiro é dado o

enfoque maior nos dois textos em jogo, como o livro 1 coloca no segundo parágrafo: "... muitos índios ... caçavam, pescavam e guerreavam ." mas esta idealização aparece desde a contextualização , onde se coloca que os indígenas brasileiros explicavam a sua moda a origem das estrelas .

No livro 2 o índio é idealizado como um forte , conhecedor das matas, porém como necessitado de proteção do não-índio . " Este índio não é bobo, garanto tem a determinação de um pajé e o sangue de uma fera. " Percebe-se a idealização do índio, porém logo a frente o narrador sugere que o índio necessita de ajuda " . Então alguma coisa clareou dentro mim: eu precisava salvar aquele índio" percebemos o sujeito - autor sendo interpelado, porém aponta esta interpelação para a mesma F. D : o imaginário social do burguês sobre o indígena,

Nas interpretações confirma-se o sentido do texto com o reforço dos enunciados das perguntas . Como a segunda pergunta do livro 2 : " O que a observação das pegadas revelou o Gavião Vaqueiro e Zé Amânsio ? " na qual a resposta vai ser diretamente copiada do texto, então o sentido também continuará o mesmo. Pois a resposta será que o índio está sendo perseguido por homens a cavalo e que ele esta fraquejando, o que sugere o auxílio necessário .

No livro 1 também aparece a idealização do índio como forte e a primeira pergunta vai direto ao sentido do texto. "... Fala-se de um costume indígena relativo à alimentação da tribo. a - Que papel cabia ao homem? " a resposta será " caçar e pescar" o sentido também é direcionado para a idealização da família , porém percebe-se que o índio é caçador e forte .

Diante deste contexto percebemos a formação histórica do sentido para com o índio em nossa sociedade como forte. Esse sentido chega aos nosso dias

perpassado pela visão romântica, na qual o valor era buscar um representante legítimo da raça brasileira, alguém que pudesse transformar-se em personagem heróico da nossa literatura. O correspondente ao herói medieval europeu que já era um sentido parafrástico para o índio, cristalizando-o. Porém consta da história que o índio brasileiro dos século XIX , época dos românticos, já sofria marginalização e o risco de exterminio. Que fizeram os escritores? Resolveram narrar suas histórias , recuando no tempo anterior ao século XIX , para seguir os ideais que pensavam ser os românticos , a nível de europa.

O índio foi descrito como uma pessoa europeizada, totalmente idealizada , nas ações , no sentimentos etc. transformou-se então num " indianismo ideológico" como podemos ver no texto LD.

Essa idealização do indígena aparecen desde a carta de Pero Vaz de Caminha a D.Pedro onde ele, como português explorador encarregado pelo Rei de comunicar as riquezas a se explorar no "novo " continente, diz: "... houvemos vista d' homens , que andavam pela praia, de 7 a 8 , segundo os navios pequenos disseram, por chegarem primeiro . (...) a feição deles é serem pardos maneira d'avermelhados, de bom rostos e bons narizes , bem feitos. Andam nus e sem nenhuma cobertura, nem estimam suas vergonhas. E estão acerca disso com tanta inocência como tem em mostrar o rosto ." E a mulher indígena idealizada como exótica e também erótica em: "(13) tão bem feita e redonda e sua vergonha tão graciosa que a muitas mulheres de nossa terra vendo-lhe tais feições fizera vergonha por não terem a sua como ela . (José

NICOLA. José de . Literatura Brasileira das origens aos nossos dias.

de Nicola) Assim criou-se o mito do índio como puro, e em equilíbrio com a natureza e o cristão " Pero " viu a nudez como vergonha quando os descreveu .

Percebe-se, pelos fatos históricos, que o nosso índio andava nu, porém o LD. o idealiza em ilustrações vestido como indígenas americanos como a ilustração do livro 1 , é uma forma de cristalização.

O funcionamento deste sentido ainda é possível de se perceber na visão romântica, como por exemplo José de Alencar, desta vez como o ideal para casamentos com europeus , quando ele coloca este casamento como : "troca de favores entre índios e o europeu colonizador". Dizendo que uns ofereciam a beleza da terra e o outro a cultura . Os sentidos em paráfrase, o funcionamento discursivo, mostrando a delimitação dos mecanismos básicos da ideologia, vão em direção ao índio como o belo , porém sem a cultura do "branco ", que aquele só tivesse beleza a oferecer na miscigenação das raças.

Além da idealização do índio percebe-se a introdução , a idealização da sua família, o que aparece na LD, principalmente no livro 1 em que o sentido que povoam o texto nos remete aos padrões da burguesia, aquele em que o pai o provedor do lar, o bom burguês que sustenta a família, a mãe fica em casa e se ocupa dos afazeres domésticos e da educação dos filhos, que geralmente não são muitos .

Podemos ver pelo texto "... muitos índios ... caçavam, pescavam e guerreavam. mas nas tabas não faziam coisa alguma: deitavam-se nas redes dormiam roncando. E a comida? Só as mulheres cuidavam do preparo dela "... nos exercícios de interpretação percebemos o reforço dado ao sentido do texto. É o que "Foucault "chama de mecanismos de controle dos significados dos sentidos como em: " a - Que papel

Campus Universitário UNEMAT

cabia ao homem? b - E a mulher ? " As respostas ao encontro do texto já são formas de se definir papéis para os membros da família.

No texto 2 também temos a idealização da família no sentido patriarcal de proteção : " Só o branco bom e conhecido deles pode entrar onde moram ... tem as mulheres e crianças que podem sair feridas ou mortas num tiroteio. " Também na interpretação há o mesmo controle no funcionamento dos sentidos como podemos ver no item 4 (quatro) : "Porque um índio em perigo nunca volta a sua aldeia ? " A pergunta é um reforço à instituição de sentido da família patriarcal.

Segundo *** Giddens , podemos ver pela história, que a família é idealizada por ser uma instituição produtiva.

Este sentido já funcionava no século XVII e no XVIII , quando se diz que a família era geralmente uma unidade produtiva, ou seja todos trabalhavam em casa ou no terreno adjacente , inclusive as crianças. Porém, com advento da industria mudou essa situação, houve a separação entre o lar e local de trabalho . Mesmo que continuassem a enpregar os indivíduos , com crianças sendo brutalmente exploradas . Pouco depois surge a legislação proibindo o trabalho infantil. Assim surgem as formas de vida familiar que vão predominar até hoje entre as camadas de baixa renda.

Essa separação entre o lar e o local de trabalho propiciou o reforço do sentido de que no sistema de classes " o lugar da mulher é em casa ."

Com período de expansão do capitalismo industrial, as mulheres trabalhavam em setores afins e recebiam salários inferiores aos homens.

*** GIDDENS, Anthony - Sociologia Uma breve porém crítica sentido

Giddens ainda afirma que não foi o advento do capitalismo que trouxe o patriarcado , mas o seu desenvolvimento, juntamente com as mudanças sofridas pela família.

A família é idealizada desde os primórdios dos tempos pelas mais variadas razões, como na Bíblia . No capitalismo é idealizado porque dela surge o trabalho que sustenta a classe dominante, ela é a procriadora de novos trabalhadores para o sistema. Portanto, é muito conveniente não aparecerem os padrões reais de vida indígena brasileira, mas os padrões familiares do não-índio portanto burguês que são cristalizados pela idealização da família, no capitalismo em que vivemos . como o sujeito - narrador que é não-índio, e lê o sentido para a sociedade de seu lugar historicamente determinado .

Como terceiro item desta análise temos a idealização da natureza que circunda o índígena que também funcionava na visão romântica e é cristalizada também no LD. No livro 1 é colocada como maravilhosa: "As árvores rebrilhavam verdes e embaixo dela havia sombra e água fresca. Quando saiam de debaixo das copas encontravam o calor e bebiam no reino das águas dos riachos buliçosos"

No exercício de "compreensão ", o segundo item diz "... sem medo enfurnavam-se nas matas... " Isto quer dizer que a mata era fechada, densa . O sentido de idealização da natureza continua constituído, como também o vemos em nossos dias no "hino nacional" "... Gigante pela própria natureza ..."

No livro 2 o texto não idealiza diretamente a natureza: há pouca materialidade lingüística que indicaria isso, como a vereda, citada pelo narrador que se trata de um caminho estreito. O fato de se deixarem sulcos , marcas no chão , mostra que era um solo fofo, como também o fato de estar enlameado e esburacado mostra que

era uma região em que chovia. Porém onde se mostra a natureza com grande indealização e na ilustracão, pois esta mostra o esplendor de uma paisagem muito verde, com raios de sol.

Esta idealização funciona desde a visão romântica, em que " nacionalismo " era exaltado e o Brasil era descrito como um paraíso, o que ficou cristalizado até os nosso dias. Típica dos romances do século XVIII e XIX como em "Inocência "de Visconde de Taunay. " (...) mimosa grama salpicada de flores silvestres . Hora campos a perde de vista (...) ". Para descrever as florestas, os escritores se utilizam da exaltação, ou seja descrevem o ideal europeu sobre nós, como o paraíso a ser explorado. E como o índio é colocado como herói , nada mais justo do que colocar uma natureza exaltada para nela viver o índio idealizado. Esses processos de idealização foram se firmando historicamente e hoje estão sedimentados como único sentido é a formação discursiva cristalizada.

Por isso E. Orlandi coloca que " o que não está dito em um texto sustenta o que esta dito. Assim saber ler é saber o que o texto diz e o que ele não diz, mas o constitui significativamente."

Assim o que temos no LD na contextualização, nas gravuras e nos exercícios e a " sacralização " de um determinado gesto de leitura, pelo autor do LD. que reserva ao aluno-leitor um gesto de leitura parafrástico , ou seja a reprodução de interpretações já feitas e devidamente legitimadas. Impedindo assim o sujeito de circular por diferentes interpretações e tolhendo sua constituição enquanto leitor, mas usa de processos de saturação do sentido , como os enunciados antes citado de interpretações, que produzem o silenciamento das significações.

As interpretações estruturadas do LD de acordo com a contextualização, gravura e texto são formas de impor um gesto de leitura específico do tipo parafrástica que se caracteriza por silenciar outros gestos de leitura possíveis . " Estes gesto de leitura se sustenta sobre os efeitos de evidência produzidos ao longo do processo de alfabetização / escolarização-leitor . " (Mónica) .

Enquanto isso há segundo , Mónica o intervalo semântico que separa as interpretações estruturadas do texto e assim ampara os gestos de leitura silenciados que teimam em produzir sentidos (outros) onde estão os processos de significação/identificação silenciada .

A interpretação se faz , assim, entre a memória institucional (arquivo) e os efeitos da memória (interdiscurso) . E então resulta o silêncio que é um silêncio (constitutivo) sobre a interpretação que resulta o sujeito experimentar os "seus " sentidos, tornando possível o discurso do sujeito (Orlandi) .

Para Mónica e nesse conflito silencioso no espaço simbólico do intervalo semântico que se defragam duas posições do sujeito opostas. Uma de um leitor em falta "carente , que se defende como um leitor autosuficiente capacitado ". Assim o sujeito tem outro gesto para se constituir como leitor, e esta segunda posição é o espaço de resitência onde o silêncio é a possibilidade para o sujeito trabalhar sua contradição constitutiva dos processos de significação e interpretação.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Consideração Finais

Ao início deste trabalho a AD me chamava atenção pela sua relação com a materialidade, com a exterioridade e a ideologia. Porém o desafio surgiu a medida que me propus a analisar as relações operadas pelas formações discursivas e sentidos , pois daí surgem as relações de força as contradições da relações de grupo sociais e as formações ideológicas constituídas.

Então pude perceber como essa teoria luta contra cristalização de conhecimentos sedimentados e contra a ilusão do sujeito . Assim através das análises, tendo como base teoria da AD, pude perceber como a "censura atinge a prática de leitura na escola através da fixação/sacralização de um determinado gestos de leitura como " a interpretação do texto " (Mónica Fontana)

Pois os enunciados da interpretação determinam e legitimam os sentidos sedimentados dos textos, reservando ao leitor uma leitura parafrástica; é o processo de saturação ideológica descrita ao longo desta análise .

Durante este trabalho procurei mostrar como aparecem estruturadas e direcionadas as interpretações e seus sentidos nos LDs, e também o meu ponto de vista sobre isso.

Durante todo o processo de pesquisa do 7º semestre , me interessei pela leitura e interpretação. As formas sedimentadas de interpretação e a estruturação do LD que não abre espaço para significação que o leitor possa ter . Por isso esta pesquisa na AD em que a intenção maior era refletir sobre os sentidos de leitura que trazem o LD.

Me propunha ao inicio trazer sugestões para outras interpretações porém acredito que se você leitor acompanhou como eu esse processo terá condições de refletir sobre o processo de leitura e interpretação dos LDs e será capaz de levar novas sugestões para que não se desenvolva esses processos legitimados, constituídos, controladores e limitadores das possibilidades das significações afinal o fim é só um efeito de sentido é no funcionamento do silêncio que se encontram as possibilidades dos processos de significação.

" Quando se lê , considera-se não apenas o que está dito, mas também o que está implícito: aquilo que não está dito é o que também está significando. "(E . Orlandi).

É o efeito do silêncio que faz com que as diferentes formações discursivas se encontrem formando uma relação dinâmica entre as diversas posições de sujeito estabelecidas no interior de cada formação, assim se contituem os processos de significação e interpretação .

Em todo esse trabalho procuro mostrar que o sentido de uma leitura são vários e que cada leitor pode deixar os sentidos circularem por diferentes processos de significação e interpretação sem ter que trabalhar estruturadamente processos legitimados de leitura . " Assim concluímos que a relação com o silêncio e não com a linguagem é que permite ao sujeito se inscrever de forma criativa e produtiva numa prática de leitura não parafrástica. "(Mónica)

Assim concluo o processo pelo qual passei enquanto a autora deste trabalho, porém visto que conclusões podem constituir apenas um efeito de fim deixo o processo pelo qual passei estabelecido , mas que poderá ser refletido e de outra forma aprimorado sob diversos ponto de vista.

Bibliografia

1 - ARANHA, Maria Lúcia de Arruda.MARTINS, Maria Helena Pires Filosofando Introdução à Filosofia - Ed. Moderna São Paulo - SP. 1992

2 - BARSA, Encyclopaedia Britânica do Brasil . Publicações Ltda . Rio de Janeiro - 1995.

3 - BRANDÃO , Helena H. Nagamine . Introdução à Análise do Discurso- Editora da UNICAP. Campinas SP - 1995

4 - DEIRÓ , Maria de Lourdes Chagas . As Belas Mentiras - A ideologia Subjacente aos textos didáticos . 12ª ed . Editora Moraes - São Paulo - SP- 1978

5 - FARACO e Moura , Linguagem Nova, Editora Atica. 1996 - São Paulo - SP. 4ª ed.

6 - FONTANA, Mónica Graciela Zoppi . Limiares de silêncio : A leitura intervalar

7 - GALLO, Solange Leda - Discurso da Escrita e Ensino, Editora da UNICAMP - Campinas SP-1995.

8 - GIDDENS, Anthony. A família e o gênero. In: Sociologia Uma breve porém crítica introdução - Zahar Edidores - Rio de Janeiro - 1984

9 - LAJOLO, Marisa . Do mundo da leitura para a leitura do mundo.

10 - MESQUITA, Roberto M. e MARTOS, Cloder R. Linguagem e Realidade - Editora Saraiva - SP. - 1995 - 6ª ed.

11- NICOLA, José de. Literatura Brasileira - das origens aos nosso dias 9ª ed. Ed. Scipione - São Paulo . SP. 1994.

12 _____ . Língua Literatura e Redação 12ª ed. Scipione. São Paulo . SP - 1991

13 - ORLANDI, Eni Pulcinelli. Interpretação - autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico

14 _____ . Discurso e Leitura 2ª ed. da Universidade de Campinas-SP- 1993. Campinas-SP.

15 _____ . A Produção da leitura e suas condições. In : Leitura: Teoria e Prática. . Campinas, 2 (1) : 20 - 5, abril/1983

16 _____ . A Linguagem e seu Funcionamento. 2ª ed. Campinas-SP. 1987

17 - PRETO, Nelson de Luca. A Ciência nos livros didáticos. Editora da Unicamp - Campinas-SP-1985

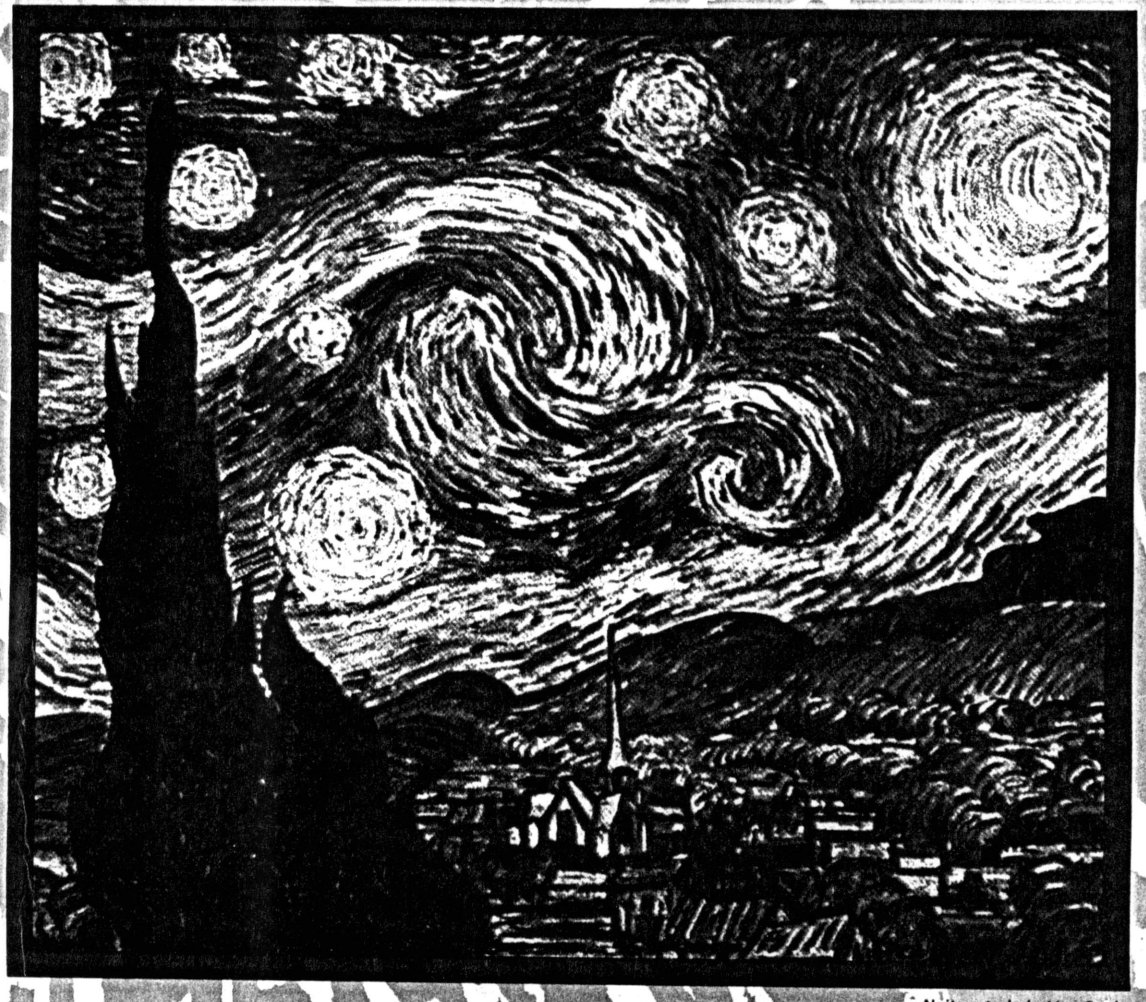
18 - SILVA , Lilian Lopes. Martins da . A escolarização do leitor : A didática da destruição da leitura. In.: Leitura : Teoria e Prática. Campinas, 3 (4) : 38 - 45, dezembro/1989.

19 - SUASSUNA, Lívia, Ensino de Língua Portuguesa, Uma abordagem pragmática Papirus Editora Campinas-SP. 1995

UNIDADE 9

Em noites escuras,
estrelas e vaga-lumes
se vestem de luzes.

Abel Pereira



Noite estrelada. Van Gogh.

Expressão Escrita



Como Nasceram as Estrelas

Clarice Lispector

Pois é, todo mundo pensa que sempre houve no mundo estrelas pisca-pisca. Mas é erro. Antes os índios olhavam de noite para o céu escuro – e bem escuro estava esse céu. Um negror. Vou contar a história singela do nascimento das estrelas.

Era uma vez, no mês de janeiro, muitos índios. E ativos: caçavam, pescavam, guerreavam. Mas nas tabas não faziam coisa alguma: deitavam-se nas redes e dormiam roncando. E a comida? Só as mulheres cuidavam do preparo dela para terem todos o que comer.

Uma vez elas notaram que faltava milho no cesto para moer. Que fizeram as valentes mulheres? O seguinte: sem medo enfurnaram-se nas matas, sob um gostoso sol amarelo. As árvores rebrilhavam verdes e embaixo delas havia sombra e água fresca. Quando saíam de debaixo das copas encontravam o calor,

bebiam no reino das águas dos riachos buliçosos. Mas sempre procurando milho porque a fome era daquelas que as faziam comer folhas de árvores. Mas só encontravam espigazinhas murchas e sem graça.

– Vamos voltar e trazer conosco uns curumins. (Assim chamavam os índios as crianças.) Curumim dá sorte.

E deu mesmo. Os garotos pareciam adivinhar as coisas: foram retinho em frente e numa clareira da floresta – eis um milharal viçoso crescendo alto. As índias maravilhadas disseram: toca a colher tanta espiga. Mas os garotinhos também colheram muitas e fugiram das mães voltando à taba e pedindo à avó que lhes fizesse um bolo de milho. A avó assim fez e os curumins se encheram de bolo que logo se acabou. Só então tiveram medo das mães que reclamariam por eles comerem tanto. Podiam esconder numa caverna a avó e o papagaio porque os dois contariam tudo. Mas – e se as mães dessem falta da avó e do papagaio tagarela? Aí então chamaram os colibris para que amarrassem um cipó no topo do céu. Quando as índias voltaram ficaram assustadas vendo os filhos subindo pelo ar. Resolveram, essas mães nervosas, subir atrás dos meninos e cortar o cipó embaixo deles.

Aconteceu uma coisa que só acontece quando a gente acredita: as mães caíram no chão, transformando-se em onças. Quanto aos curumins, como já não podiam voltar para a terra, ficaram no céu até hoje, transformados em gordas estrelas brilhantes.

Mas, quanto a mim, tenho a lhes dizer que as estrelas são mais do que curumins. Estrelas são os olhos de Deus vigiando para que tudo corra bem. Para sempre. E, como se sabe, "sempre" não acaba nunca.

Como nasceram as estrelas; doze lendas brasileiras. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1987. s/p.



negror: escuridão; negrume
singela: simples
taba: aldeia de índios
enfurnar-se: entrar, penetrar
buliçoso: inquieto, agitado
curumim: menino ou rapaz índio
clareira: trecho sem árvores no mato ou bosque
viçoso: exuberante, vigoroso

Estudo do Texto



I. Compreensão

1. No segundo parágrafo, fala-se de um costume indígena relativo à alimentação da tribo.

a. Que papel cabia ao homem nesse aspecto? Caçar e pescar.

b. E à mulher? À mulher cabia a tarefa de preparar os alimentos para a tribo.

2. *"... sem medo enfurnaram-se nas matas..."*

a. Quem? As valentes mulheres.

b. Para quê? Para procurar milho.

c. Por quê? Porque sentiam fome e faltava milho, base de sua alimentação.

d. Que estação do ano era então? Era verão.

3. Era uma época de muita fome. Copie um trecho do terceiro parágrafo que comprova essa afirmativa.

Respostas possíveis: 1. "... faltava milho no cesto para moer." / 2. "... porque a fome era daquelas que as faziam comer folhas de árvores."

4. As mulheres não estavam sendo bem-sucedidas na sua busca.

a. Que providência tomaram elas? Resolveram trazer com elas uns curumins.

b. Por que tomaram essa decisão e não outra? Porque, segundo os índios, curumim dava sorte.

5. Por que os garotos abandonaram as mães antes do fim da colheita?

A fome impediu que eles esperassem o fim da colheita.

6. Como ficaram com medo das mães, os curumins traçaram um plano.

a. Qual? Esconder a avó e o papagaio, que poderiam contar que eles tinham comido muito bolo de milho.

b. Eles concretizaram esse plano? Por quê? Não, porque as mães poderiam dar pela falta da avó e do papagaio.

c. O que fizeram então? Resolveram fugir para o céu.

7. Identifique a alternativa correta e justifique sua resposta:

a. as mães aceitaram tranqüilamente a atitude dos meninos.

b. as mães aceitaram a atitude dos meninos, mas resolveram castigá-los, transformando-os em estrelas.

c. as mães resolveram punir os meninos.

d. as mães ficaram nervosas e tentaram recuperar seus filhos que estavam a caminho do céu. Alternativa d. O aluno poderá citar todo o fim do 5º parágrafo como justificativa.

II. Vocabulário



1. Em qual das frases seguintes aparece um adjetivo antônimo de *singelo*?
a. Ele deu uma explicação muito simples para o fato.
b. Os cientistas apresentaram uma explicação complicada para o fato. X
c. Sua explicação correta para o fato mostrou que você é competente.

2. Observe:

entrar: passar de fora para dentro; introduzir-se.
enfurnar-se: meter-se numa furna ou caverna; esconder-se.

Em qual das frases seguintes você empregaria o verbo *enfurnar-se* no lugar do quadradinho?
a. Ela ❑ no quarto para apanhar um objeto.
b. Ela ❑ no quarto para evitar o encontro com os amigos. X

3. Por que em vez de dizer que as mulheres entraram na mata a narradora escolheu dizer "enfurnaram-se nas matas"?
Para mostrar que a mata era muito fechada, densa, cerrada, como uma caverna ou furna.

4. Copie do 3º parágrafo a expressão que o narrador utiliza para reforçar a idéia de que a fome na região era muito grande.
"...a fome era daquelas que as faziam comer folhas de árvores."

5. Nas seguintes frases do texto, as palavras ou expressões destacadas foram empregadas em sentido figurado. Escreva frases empregando cada uma dessas palavras ou expressões em sentido próprio.
a. Bebiam no reino das águas dos riachos *buliçosos*.
b. Ficaram no céu até hoje, transformados em *gordas* estrelas brilhantes.
c. Só encontravam espigas murchas e *sem graça*.

III. Interpretação

1. O texto pode ser dividido em três partes, de acordo com o esquema que segue. Indique o começo e o final de cada parte.
a. Como era a noite antes desses curumins. De "Pois é..." até "...nascimento das estrelas".
b. História dos curumins que viraram estrelas. De "Era uma vez..." até "...estrelas brilhantes".
c. Interpretação pessoal do narrador sobre as estrelas. De "Mas..." até "...nunca".

2. O costume de não participar do preparo da comida, comum entre os índios, é também comum na sociedade branca hoje?
Pro[illegible] os índios [illegible] sobre a divisão dos trabalhos domésticos em suas casas. Não existe resposta certa, pois em cada grupo se observa a permanência ou não da mesma divisão de trabalhos a que o texto se refere.

3. A história começa com a expressão "*era uma vez...*". Esse texto estaria adequado num livro de Ciências ou de Geografia em que se explicasse a origem das estrelas?

4. Compare o texto lido com este outro:

Estrelas

São corpos cheios de gás e com luz própria.
Há vários tipos de estrelas.
Têm tamanhos e cores diferentes.
O Sol é uma delas.

Folhinha, 17 ago. 1991. Suplemento do jornal *Folha de S. Paulo*.

Em qual dos dois predominou uma maneira emocional de tratar o assunto *estrelas*?
No texto de Clarice Lispector.

5. Compare o quadro que abre a unidade com esta foto:



Em qual das duas ilustrações predomina uma maneira emocional de retratar as estrelas? No quadro de Van Gogh.

Ponto de vista

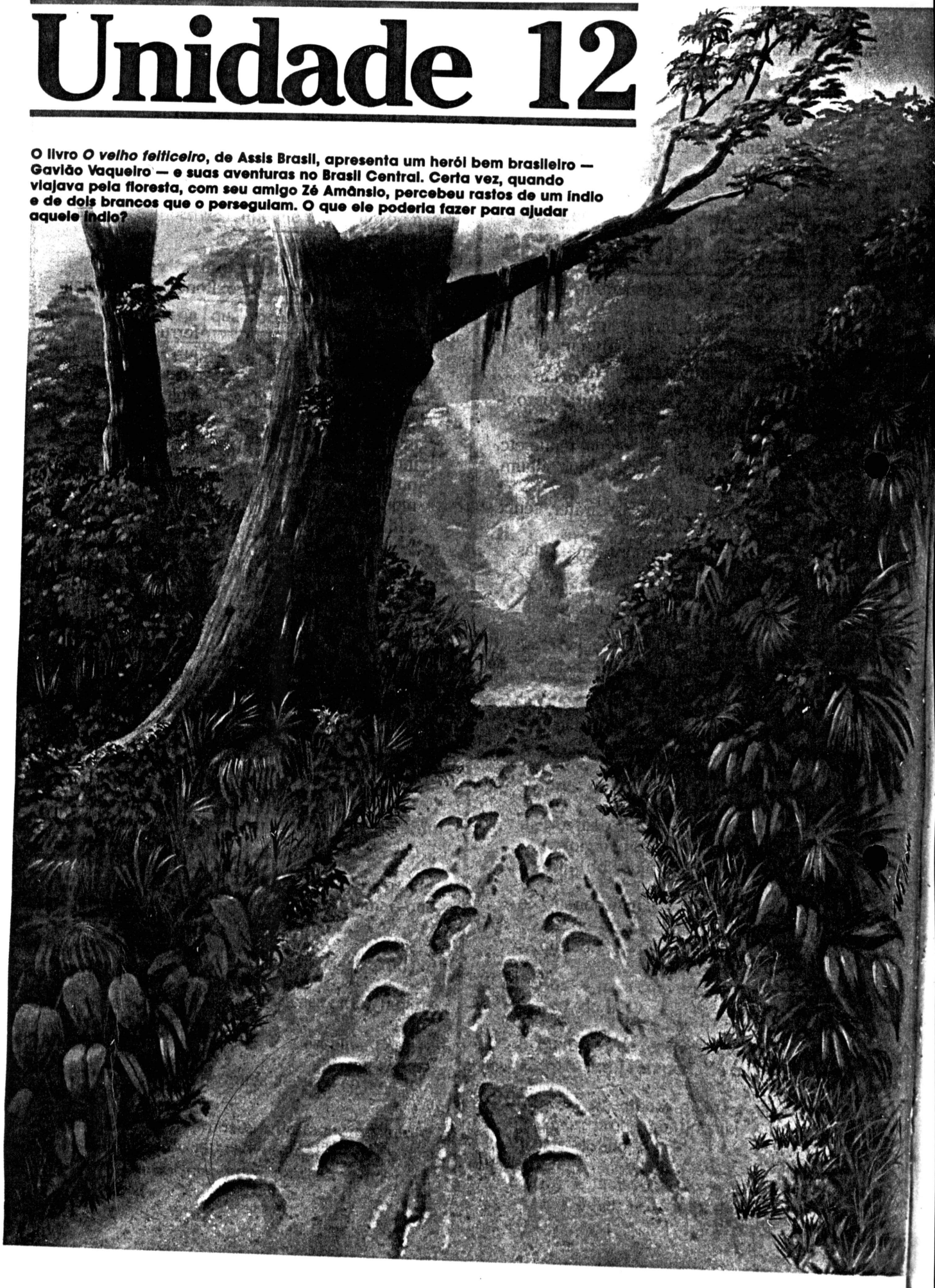
1. Que importância têm as estrelas para um astrólogo? E para um navegador? Para o astrólogo as estrelas (e os demais astros) servem como ponto de referência no estudo do destino e do comportamento dos homens. Para o navegador, as estrelas servem como orientação de rumo. Prof.: o importante é que os alunos percebam os diferentes ângulos sob os quais um mesmo elemento da natureza pode ser visto.

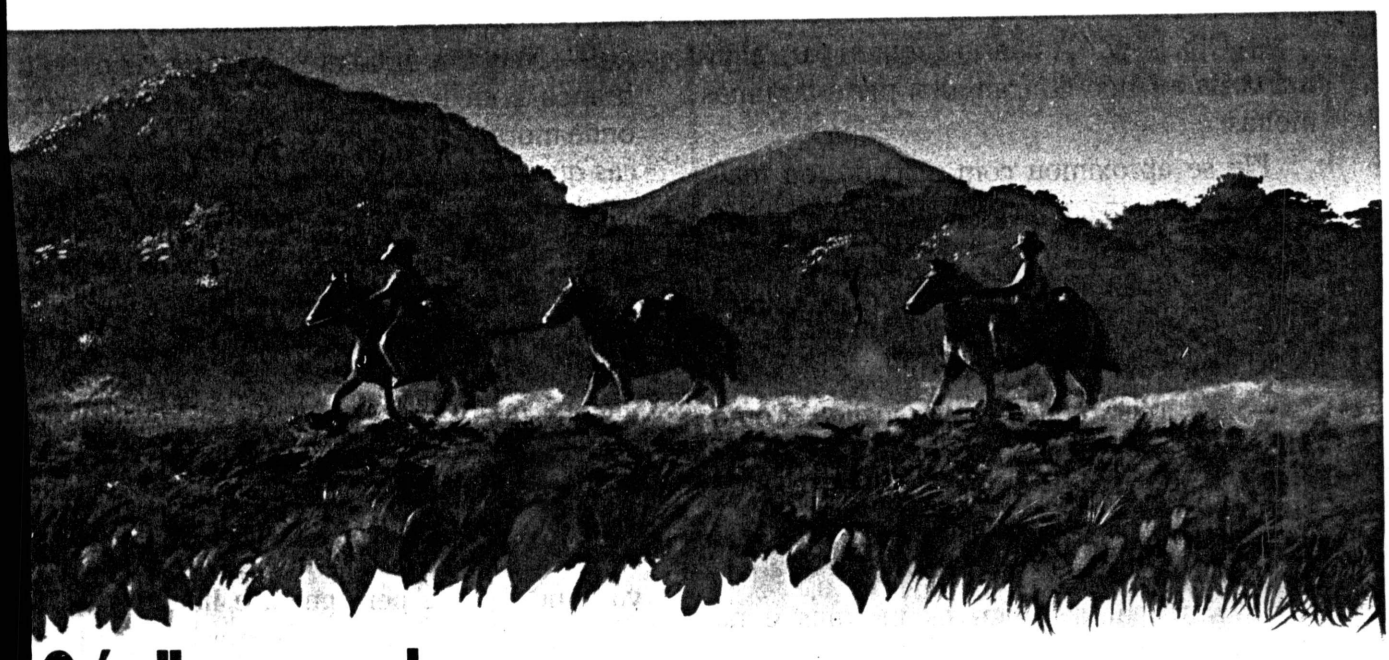
2. O narrador respeita a explicação exposta na lenda, apesar de acrescentar a ela uma interpretação pessoal. E você, acredita em lendas? Justifique sua resposta.

Campus Universi... U N ...

Unidade 12

O livro *O velho feiticeiro*, de Assis Brasil, apresenta um herói bem brasileiro — Gavião Vaqueiro — e suas aventuras no Brasil Central. Certa vez, quando viajava pela floresta, com seu amigo Zé Amânsio, percebeu rastos de um índio e de dois brancos que o perseguiam. O que ele poderia fazer para ajudar aquele índio?





O índio em perigo

Assis Brasil

Mais alguns minutos, naquela andadura de cavalo marchadeiro.

De tanto olhar para a pista na vereda, eu já podia distinguir muito bem os sinais do índio e os cascos dos cavalos, quase que praticamente uns em cima dos outros. Dava até mesmo para perceber que o índio ia um pouco na frente, por causa de seus pés que apareciam quase desfeitos pelas ferraduras.

— O índio já está fraquejando, Zé Amânsio? — tornei a perguntar.

— Qual nada, o bicho é duro na queda. Tenho até a impressão que ele está se distanciando mais ainda.

— É mesmo? Tem certeza? — perguntei satisfeito.

— É quase certo, Gavião Vaqueiro: as pegadas do índio estão mais fracas.

— Não é sinal de cansaço, de esmorecimento?

— Não, é porque ele está mais longe, ou está mais leve.

Zé Amânsio ainda tinha uma dúvida.

— Pode ser que tenha deixado de lado algum carregamento que levava.

— Mantimento? — perguntei.

— Pode ser.

Ficamos em silêncio e continuamos no mesmo ritmo.

Na trilha, os rastos se repetiam, e eu até mesmo já podia notar que os pés do índio pisavam com mais leveza, embora os sulcos dos calcanhares continuassem mais fortes.

Será que Zé Amânsio está lendo os sinais direito? Era a minha grande dúvida, porque quem tinha fama de rastreador na fazenda era João Vermelho, o falecido.

— Por que o índio não se esconde? — indaguei.

— Ele sabe que é pior. Em cima de uma árvore ou detrás de algum tronco, numa moita, fica sem proteção alguma. Se fossem dois ou três índios, poderiam armar uma emboscada para os jagunços, mas este um está sozinho. Mas lhe digo uma coisa, Gavião Vaqueiro.

— O que é, Zé Amânsio?

— Pela insistência em correr sempre na mesma direção, e deixando assim sua pista clara, ele pode estar atraindo os homens para algum lugar.

— Será, Zé Amânsio?

— Este índio não é bobo, garanto. Tem a determinação de um pajé e o sangue de uma fera.

— Ele não cansa nem nada? — eu continuava apreensivo, temendo que a qualquer momento acontecesse o pior.

— Olhe! — Zé Amânsio apontou para alguma coisa ao lado do caminho, perto de umas moitas.

Ele se aproximou com cuidado, eu mais atrás, a carabina engatilhada, protegendo o vaqueiro.

— É o mantimento do índio — ele disse. — Um paneiro de farinha, e dos grandes.

Cheguei mais perto. Zé Amânsio disse:

— Era a sua comida para a fuga. Como estava pesando muito no seu ombro, ele jogou fora.

O vaqueiro ajeitou o paneiro no burro de carga e continuamos.

Os rastos ainda eram os mesmos e na mesma direção.

— Alguma coisa tem que acontecer logo — disse Zé Amânsio. — Ninguém agüenta tanto tempo correndo na frente de três cavalos. É certo que os homens não podem ir mais depressa, por causa deste terreno esburacado e enlameado, mas acho que o velho índio já correu demais.

— Não estará indo para a aldeia dele? — perguntei. — Para pedir socorro?

— Nenhum índio em perigo faz isso. Só o branco bom e conhecido deles pode entrar onde moram. Mesmo tem as mulheres e crianças que podem sair feridas ou mortas num tiroteio.

— Tem razão, Zé Amânsio.

O sol estava muito quente em cima da nossa cabeça. O calor que subia do chão úmido ardia nos meus olhos. Não sabia quanto, mas há muito tempo a gente estava naquela perseguição. Então alguma coisa clareou dentro de mim: eu precisava salvar aquele índio, como se devesse isso a Paricá. Era uma questão de honra, sabia. E também porque admirava aquela gente perseguida e humilhada pelo branco invasor de suas terras.

Minha ânsia aumentava cada vez mais, eu vendo a todo instante as marcas dos pés daquele índio fugitivo — ele corria para a liberdade e para a vida, sem um minuto de descanso.

(*O velho feiticeiro*. São Paulo, Melhoramentos, s/d. p. 20-23.)

Vocabulário

andadura - maneira de andar
ânsia - aflição, angústia
apreensivo - preocupado
distinguir - fazer a diferença; identificar
emboscada - cilada
esmorecimento - enfraquecimento, desânimo
insistência - perseverança
jagunço - capanga
marchadeiro - cavalo de passo largo e compassado
paneiro - cesto de vime
Paricá - índio a quem Gavião Vaqueiro devia favores
pegada - vestígio que o pé deixa no solo
rastreador - aquele que segue rastros (ou rastos)
sulco - marca no chão
vereda - caminho

Estudo das palavras

1. Procure o significado da expressão **duro na queda** e escreva uma frase empregando-a.

2. Reescreva as frases, substituindo a palavra **descanso** por outra equivalente que está no quadro:

repouso — lentidão — alívio

a. O **descanso** dele às vezes me irrita.

b. A notícia de que tudo estava bem foi um **descanso** para nós.

c. Ele corria sem um minuto de **descanso**.

3. Explique o significado da expressão destacada:
Alguma coisa **clareou dentro de mim**.

4. Escreva as frases e dê o significado da palavra **pista** em cada uma delas.
- sinal, indício
- parte de um salão reservada a danças
- local onde correm automóveis
- orientação

Campus Universitário UNEB

a. Vou dar uma **pista** para ver se você descobre o segredo.

b. O carro de Sena saiu da **pista**.

c. A polícia já tem **pistas** dos bandidos.

d. Os casais movimentavam-se livremente na **pista**.

Estudo do texto

1. Quem conta a história da perseguição ao índio?

2. O que a observação das pegadas revelou a Gavião Vaqueiro e a Zé Amânsio?

3. Por que os jagunços não haviam alcançado o índio?

4. Por que um índio em perigo nunca volta à sua aldeia?

5. Embora o índio não apareça diretamente no texto, algumas de suas qualidades são destacadas. Quais?

6. Qual a atitude de Gavião Vaqueiro diante da situação do índio? Por quê?

7. O que o autor do texto, através das palavras da personagem Gavião Vaqueiro, quer nos transmitir a respeito dos conflitos entre brancos e índios?

Expressão oral



Procure em jornais e revistas alguma notícia que fale sobre a situação do índio hoje. Cole-a em seu caderno.

Faça um registro anotando as idéias principais de cada parágrafo e conclua seu trabalho com um comentário pessoal. Apresente o registro a seus colegas.

TEXTOS COMPLEMENTARES

O texto O índio em perigo **mostra a dramática situação de um índio. Será um caso isolado? É o que você verá, nos textos a seguir.**



Em Bogotá

João Silvério Trevisan

Não estou gostando nada de Bogotá que é uma cidade escura, chuvosa e fria. Além do mais está a quase 3 000 metros de altura e então a gente tem que tomar cuidado pra não se cansar à toa e não ficar doente das alturas. É uma cidade muito barulhenta e muito poluída também, com gente brava nas ruas, sem aquele jeito alegre de Cali. Eu nunca pensei que